

Os desenlaces da escritura

[Aline Guimarães Bemfica](#)

Resumo

Propõe-se a análise dos mecanismos textuais utilizados por Clarice Lispector em *A paixão segundo G.H.*, privilegiando-se, na tessitura do texto, a operação com os significantes. Evidencia-se um jogo escritural que, em sua travessia pelo espaço literário, ultrapassa os limites da representação; na rede infinitamente traçada pela experiência literária, a escritura de Lispector conduz o leitor pelo universo labiríntico das palavras que desemboca no campo do silêncio.

Palavras-chave: Silêncio. Nomeação. Significante. Inatingível. Escritura.

No caminho infinitamente traçado pelo desencontro entre a palavra e a coisa, a escritura de *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, oscila entre a nomeação e o silêncio. Escrito em 1964, esse romance fala de uma manhã ensolarada em que G.H. decide arrumar a casa. A personagem opta por iniciar a faxina no quarto da empregada Janair, o qual supunha abarrotado de coisas velhas, mas, ao abrir a porta, é invadida por uma imensidão branca. Tem início então sua saga. É surpreendida por uma barata de casco duro e marrom, uma barata antiga, cujo corpo cindirá ao abrir a porta do armário. A relação entre a mulher e o inseto se estreita: a barata aponta para a cisão da própria G.H., que se encontra agora tão dentro da vida que é a própria vida a se dispersar e se construir, sucessivamente. Esse processo se apresenta no corpo do texto desde o momento em que os olhos de G.H. se depararam com um enigma, acontecimento que tem como consequência a impossibilidade das palavras iniciais (o texto começa e termina com travessões pontilhados).

A trajetória de G.H. é a própria travessia pela linguagem: a entrada nesse quarto que ela nomeou "teia de vazios" (LISPECTOR, 1998, p. 45) já indica ao leitor a singularidade do espaço em que se realiza o trabalho de des-amaranhar e des-enlaçar a linguagem, um espaço neutro, deserto que se abre e escombros sobre a areia branca. Por sua vez, a inscrição do silêncio no texto clariceano, paradoxalmente, só é possível através do rumor incessante das palavras num deslizar vertiginoso pela cadeia verbal.

Em um primeiro momento, G.H. tentará conter a despersonalização de seu eu por meio da identificação com um significante advindo do campo do Outro. Entretanto, em um segundo tempo do olhar, G.H. é arrastada para dentro do jogo escritural, vivenciando em seu corpo o processo de desagregação da linguagem. Trabalhar na contramão da representação só é possível a partir do momento em que a escritora desarticula os signos, liberando-os das significações definitivas, deixando-os soltos ao ritmo da máquina de escrever. Pretendendo, com esse procedimento, capturar a coisa

no instante em que ela se oferece ao seu olhar, a narradora faz da linguagem uma rede infinita de imagens que escoam por suas mãos.

Ao escrever bordejando o objeto, desarticulando o signo através de movimentos de resistência e sopro – segundo o tempo construído no ritmo das significações que se realizam como jogo de presença e ausência, de aparecimento e desaparecimento, de luz e sombra –, sempre a desfazer-se e em constante devir, Clarice alcança o desfalecimento da linguagem, o desvanecimento dos sentidos, a invalidação das certezas.

O percurso da escritura é marcado, assim, por uma espécie de insensatez do acontecimento, no qual é fundamental que seja excluída toda alusão a um objetivo e a um destino. Em sua evanescência, as construções, a tessitura da escritura, rompem a cena do texto, deixando apenas um rastro, mas retornando sempre ao mesmo ponto, o ponto original, decisivo e fundante de toda a narrativa.

Essa escritura singular, que se vale dos mecanismos textuais que possibilitam a abertura de uma fenda na linguagem – lugar de ausência, onde a palavra nasce e para onde sempre retorna –, acompanha a mudança de foco de Clarice Lispector, cujo objetivo inicial consistia em alcançar a matéria bruta da qual as coisas são feitas, mas que, contrariamente, vai aproximar-se do inatingível ao realizar o intratável no texto. A força do jogo significante possibilita, no texto clariceano, a ascensão de uma perspectiva ao mesmo tempo silenciosa e ruidosa.

Em *A paixão segundo G.H.*, a linguagem reivindica a sua liberdade. Antes de ser dado o primeiro grito pelo *infans*, no instante em que as bocas se abrem para tentar dizer e não conseguem, a linguagem questiona a linguagem no jogo do texto, e as palavras de caridade e de orgulho, de qualquer significação, entram em declínio. O texto não se satisfaz. A lei da linguagem, “lei que manda que só se fique com o que é disfarçadamente vivo” (LISPECTOR, 1998, p. 30), não confere dignidade ao silêncio, e, quando essa norma da significação e da representação, essa fronteira composta de palavra e forma é atravessada, abre-se a fenda, o vácuo de linguagem, o nada clariceano: zona desconhecida, lugar da ausência e da “opacidade da forma” (BARTHES, 2004, p. 66), atualizado na criação artesanal de Clarice Lispector, cuja linguagem, ao deparar-se com o inominável, teve de se sustentar com os fragmentos do ritual de repetição no qual se desdobra.

O significante disposto em cadeia metonímica e a suspensão do sentido fazem persistir a pergunta e prescindem da escritora. Clarice Lispector não guia a conexão dos significantes, que surgem em errância, livremente, mas é atravessada por eles. Isso se torna possível a partir da busca infinita pela qual envereda ao contornar o espaço oco da linguagem, em cuja rede a alternância entre significação e desvanecimento exige a aceitação do risco de ser aniquilada.

Essa perspectiva avassaladora conduz Clarice Lispector a dispor de mecanismos textuais cujo objetivo é organizar o espaço em que a linguagem retorna sobre si mesma, ininterruptamente, o que sugere a hipótese de que o ponto central da experiência de G.H. é a travessia da escritora pelo espaço literário.

Em sua trajetória, G.H. cria um interlocutor imaginário, sabendo de antemão que a conexão entre *um* e *outro* constitui um sentido cujo propósito é tornar possível lidar com o inominável. No entanto, Clarice deixará claro ao leitor que sua entrega a uma vida sem nome exige impessoalidade e, assim, vai se desfazendo de todas as bengalas que sustentavam seu lugar de mulher.

A descontinuidade da linguagem e o descompasso do significante ao romper com as barreiras da representação são características da escritura de Clarice Lispector que

se articulam com a dimensão da perda, reproduzida durante toda sua trajetória. Os significantes absorvem o corpo da escritora, o qual desfalece na narrativa, dando lugar a uma multiplicidade de vozes que se entrecruzam e dispersam até o ponto limite no qual o silêncio se manifesta.

Topografando o terreno da linguagem a partir da literatura, Clarice joga com a imagem. Se por um instante ela adquire forma, e o leitor consegue captá-la, no tempo seguinte assiste-se ao seu despedaçamento e à configuração de outra conexão significativa, que instantaneamente se desfaz, levando o leitor, abarcado pelo fascínio, a se defrontar com a cena do texto.

Quando se trabalha a linguagem suspendendo o sentido e disseminando os significados, a perspectiva de uma possível autoria revela ser um engodo. O texto fala por si, Clarice apenas segue a sua voz, se faz de passagem ao ser enovelada pela cadeia em fruição e é arremessada para dentro do jogo textual, no qual se dispersa.

Sua escritura, embora em alguns momentos deixe entrever a idéia de uma decifração das coisas do mundo, tem como propósito não a representação, mas o trabalho artesanal com a linguagem, o processo de lapidação e decantação da matéria bruta. Quando afirma que "escrever é procurar" (LISPECTOR, 1999, p. 134), desviando-se do objeto, trabalhando na superfície do texto, corrobora os mistérios da linguagem e a inacessibilidade do real.

Nesse sentido, a ordenação lógica do pensamento nada garante à escritora, o que a conduz ao estado pulverizado da escritura e à desconstrução do saber, levando-nos a pensar em uma ética da escritura atrelada à liberdade do escritor – o desejo serve como guia, afirmando a insuficiência da forma e a prevalência do informe. A dízima literária de Clarice Lispector instaura a "ausência de tempo" (BLANCHOT, 1987, p. 21), visto que o infinito é o lugar no qual sua escritura se realiza, forma e fundo se misturam acompanhando a dissolução da norma que une significante e significado, e as palavras se entrelaçam, topologicamente, deixando entrever um espaço vazio no qual a linguagem desliza.

Por ter entrado em contato com o inexpressivo, a partir do ato de olhar, sua trama escritural será disposta em fragmentos que se conectam a restos de imagens encadeadas sucessivamente, apontando para o sujeito a insustentabilidade de um lugar confortável na linguagem. Os "primeiros passos no nada" (LISPECTOR, 1998, p. 33), aventura de G.H., culminam na desistência da escritora em capturar a palavra e na aceitação de que o verbo nunca alcançará o núcleo da vida.

A amplitude da paisagem, muitas vezes representada pelo deserto, evoca uma miragem: quando a escritora acredita ter encontrado um lugar seguro para matar a sua sede de significação, descobre com sofrimento, embora sem perder totalmente a esperança, que a boa imagem se desfez num piscar de olhos. Por meio desse jogo de aproximações e distanciamentos, de presença e ausência, o silêncio se inscreve em seu texto.

O registro da perda se apresenta e acompanha o ato de estranhar a vida. Ao fazê-la rumorejar através da dispersão do significante, a narradora realiza seu olhar insaciável, como se caminhasse na noite clara. Clarice, que se dizia lunar, é surpreendida pelos instantes de luz que gradativamente dão vida aos objetos, até desaparecerem nessa outra noite que se abre e que conduz sua travessia no campo do amor.

Nas idas e vindas de G.H. ao redor do ponto de inacessibilidade da coisa viva, Clarice percorre o campo do amor, no qual ecoa o silêncio em sua impessoalidade. A

finalidade de alcançar uma forma se distancia paulatinamente, deixando-a no limite da nudez e inscrevendo a espessura do silêncio.

Um abismo se instaura, e sua escritura se efetua ao cifrar o espaço do impossível, ao realizar-se como devir, contribuindo para que a função de suplência se desvança como finalidade no próprio movimento do texto, visto que articula, a todo o momento, a impossibilidade. Se Clarice dá alguma coisa ao leitor num ato de amor, é exatamente a resposta que ela não tem. Resta a G.H. adorar, render-se, amar.

Clarice Lispector diz sim ao amor e à experiência literária. Esses dois movimentos que acompanham a evolução de sua escritura em torno do campo inacessível do real, a função de suplência e a dimensão do impronunciável inscrito no corpo do texto, dizem do lugar da escritora no espaço literário.

No acontecimento do amor, o silêncio é o máximo que se pode oferecer, tal como na experiência literária e na "morada infinita na morte" (BLANCHOT, 1987, p. 42) de Orfeu, esse personagem que, em sua busca, encontra-se com a noite, e com a noite que atrás da escuridão se esconde, infinitamente. Eurídice não é mais que uma miragem perdida entre as sombras de um possível e fracassado encontro. Ao deparar-se com um enigma e com a falta de significantes que ordenem e delimitem o seu acesso ao mundo, Clarice Lispector se lança ao infinito da linguagem – o texto luta com as resistências das palavras e joga com elas, desvia, desmantela e abate o sentido. O inumano, "parte coisa da gente" (LISPECTOR, 1998, p. 56), reivindica sua autoridade impessoal à linguagem, e o primeiro silêncio pode enfim se refazer. Linguagem fronteira entre a vida e a morte, que ao distanciar-se de si mesma possibilita que a força silenciosa da literatura se manifeste na disposição do fluxo do significante. A "diversidade das sucessões" (FOUCAULT, 2002, p. 160), o jogo das escrituras radicaliza o silêncio, inscreve o impronunciável. A paixão de G.H. é um ato de desistência, a despersonalização como "a maior exteriorização a que se chega" (LISPECTOR, 1998, p. 174), essa necessidade sempre nascente, a construção de uma voz que fracassa, a condição humana, a paixão.

Abstract

A study of the textual mechanisms used by Clarice Lispector in *A paixão segundo G.H. (Passion according to G.H.)* is proposed, favoring the operation with the signifiers. It is evident that there is a writing game which, crossing the literary space, surpasses the limits of representation; in the network infinitely structured by the literary experience, Lispector's writing guides the reader through the labyrinthian universe of words which ends in the field of silence.

Keywords: Silence. Nomination. Signifier. Protected. Writing.

Referências

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.